

Maria José e o exemplo da agricultora forte e trabalhadora

Maria José Rodrigues ou Mazé, como é conhecida, tem 37 anos e vive no Assentamento Dom Marcelo, município de Mogeiro, no Agreste Paraibano, em uma família formada só por mulheres. A agricultora e mais 5 filhas: Iris, de 19 anos, Ione de 17 anos, Iolanda de 14 e as gêmeas Ester e Estefani, de 10 anos. No assentamento vivem 70 famílias, cada uma ficou com 12 hectares, sendo 12 para produção e 05 hectares de reserva ambiental. Mas o acesso a essa terra não foi fácil. A propriedade era de fazendeiros e desde os meus avós a gente trabalhava nela alugado e morava no pé da serra, conta Maria José. Até que em 1997, a dona da terra mandou avisar que aquele ia ser o último ano que ela ia querer gente trabalhando lá, aí foi quando veio a luta, relembra a agricultora. As famílias se juntaram, ocuparam a terra e resistiram por dois anos, até que virou assentamento, em 1 de outubro de 2004.



Mazé conta que no projeto do assentamento saíram as casas e a cisterna de beber. Tinha ainda um barreiro na propriedade e um açude comunitário, mas a água não era suficiente. No verão quando o barreiro seca a família precisa ir buscar água num açude maior que fica a 08 quilômetros de distância, em uma carroça.



Desde que se separou do marido, há pouco mais de um ano, Mazé e as filhas dividem o trabalho na propriedade, quando a gente vai fazer, trabalha tudo junto, diz ela. Todas trabalham com a mãe, uma das filhas, Íris, ainda dá aulas na escola do assentamento. Mazé lembra que logo depois da separação foi difícil, mas como eu já trabalho há muito tempo, já era acostumada, tô tocando o trabalho aqui com as meninas, as mulheres aqui gostam de trabalhar! Brinca a agricultora. Há pouco tempo ela conseguiu colocar a terra em seu nome, pois o termo de posse tinha saído no nome do ex-marido. Ele já mora em uma terra de 10 hectares, então eu comuniquei no INCRA e consegui passar para o meu nome, conta Mazé.



Atualmente ela e as filhas produzem no roçado macaxeira, mandioca, inhame, milho, feijão branco e macassar, jerimum, palma e maxixe. Tem ainda uma diversidade de fruteiras como caju, maracujá, banana, coco, laranja, limão, acerola, pinha, seriguela, maracujá, manga, mamão e melancia. Ela aprendeu com o pai a reaproveitar a água da louça e dos gastos de casa para aguar as fruteiras: meu pai sempre foi agricultor, a gente foi criada na agricultura, eu cheguei lá e ví ele cheio de canos e bicas, aproveitando a água e quis fazer aqui também, conta. Maria José ensina que pra não matar as plantas, precisa ter o cuidado de aguar bem na raiz.

Mazé e as filhas ainda criam 06 cabeças de gado, 04 carneiros e 60 galinhas. A família acaba de conquistar uma cisterna calçadão do P1+2 e a agricultora já faz planos de ampliar as criações e a produção com mais este reservatório de água. Eu tenho vontade de fazer uma horta aqui perto de casa, só não fazia porque não tinha água. Também quero ampliar a criação de galinhas, planeja ansiosa Mazé. Tudo o que produzem vai para o consumo da família, o que sobra elas vendem para um atravessador, pois têm dificuldade com o transporte e não conseguem levar até a feira de Mogeiro. Outra dificuldade é para alimentar os animais no tempo seco, Mazé conta que já precisou vender, por não poder manter as criações. Na alimentação do gado e dos carneiros ela usa o bagaço da cana, palma, capim e mandioca, só às vezes complementa com ração.



A agricultora faz parte de um grupo do assentamento chamado Semeando Sonhos, atualmente o grupo está apenas com 3 homens e 3 mulheres, mas já teve até 10 pessoas, conta Maria José. As mulheres se reúnem para produzir bolo e produtos para o PNAE. Mazé se preocupa em armazenar as suas sementes, o melhor é guardar, pra gente sempre ter no momento certo de plantar, afirma a agricultora.

Maria José e suas filhas são exemplos de agricultoras que, com a força do seu trabalho, são capazes de garantir uma vida digna no Semiárido.

Realização



CENTRAC
CENTRO DE AÇÃO CULTURAL



Apoio

